

A verdade e o aniquilamento da vida no *páthos* da verdade*

Rodrigo Cristiano de Souza (PET – UFPR)

Orientador: Joel Alves de Souza

“Acordem-no’, grita o filósofo, no *páthos* da verdade. Mas ele mesmo mergulha em um sono mágico ainda mais profundo, enquanto acredita estar sacudindo aquele que dorme – talvez sonhe então com ‘idéias’ ou com a imortalidade.”
Nietzsche, “Sobre o *páthos* da verdade”.

Acreditar na vida. Parece que daqui o homem parte e para aqui ele volta todos seus interesses. Tudo aquilo que ele vê de mais próprio de si, tudo aquilo que o faz diferenciar-se dos demais viventes parece sempre estar direta e inseparavelmente ligado à necessidade de *afirmar-se* perante si próprio.

Em seculares incursões pelo pensamento o homem deparou-se, enormemente desconfortável, com o que significa devir. Constatou amedrontado sua condição finita, até mesmo efêmera.

Confrontar-se com o vir-a-ser da realidade: de que vale a vida mergulhada num rio de fruição e incertezas? Aliás, qual a importância de ser ante algo tão ínfimo quanto a única certeza realmente firme de nunca chegar a ser efetivamente, de sempre devir numa sucessão de efêmeros agoras que nem sequer efetivam-se por seguirem-se freneticamente como que numa inútil tentativa de tornarem-se, ou seja, ante a constatação de estar fadado a ser no tempo, portanto, viver? Como viver seguro disso, do fato de que se vive, quando a única verdade acaba por ser aquela da qual Nietzsche fala, a verdade de estar fadado à inverdade? Como se saber fora do engano? Como colocar-se lá, além do engano, se desde o princípio vivemos?

Aqui a humanidade sentiu-se pequena. Aqui ela patina seus esforços na constituição de alguma possibilidade de afirmar-se enquanto vivente. E aqui o homem empenha o que toma de si como o mais notável: seu *intelecto*, sua *sabedoria*.

Assim ele tenta: e o que ele consegue deste esforço tamanho? O que faz surgir deste empenho tão grande e tão longo, feito por tantos dos maiores homens, para que saiba, ao menos sobre a vida, sem dúvidas?

A resposta aponta certamente para a ciência, ou melhor ainda, para o conhecimento em geral: nele o homem deposita a esperança de encontrar alguma verdade, um algo seguro, imutável, auto-suficiente, que lhe servisse de consolo para uma existência sem sentido.

I

Nietzsche traz à vista todo um pensamento que quer ver-se livre dos prejuízos morais acumulados como tradição na história da humanidade. Dessa forma, dentro daquilo que chama de “genealogia”, revira os entulhos do passado, guardados nos sótãos da história e da cultura, a fim de livrar-se daquilo que é meramente moral, e

portanto contingente, na tentativa de alcançar um *modo desprovido dos enganos que esses prejuízos trazem à filosofia*.

Nessa regressão através da História, através dos ícones da filosofia, vai até a Grécia Antiga, onde teve lugar pela primeira vez no Ocidente toda essa história de filosofia, de verdade, de conhecimento. Lá topou com Heráclito. A simpatia e reconhecimento de si mesmo foram imediatos – a ponto de dizer dele que seja talvez o único pensador com quem tenha alguma afinidade, o único que tenha pensado com ares de altura e imponência tal como ele próprio pensara¹

Assim, Nietzsche encontrou dentre os primeiros helenos uma maneira de conceber a realidade muito diferente do que se vinha dizendo na filosofia desde muito tempo, ao seu ver, desde Sócrates. Em alguns dos chamados pré-socráticos havia ainda uma maneira de pensar bastante nua, despida da moral que se incrustou na filosofia por mais de 2000 anos, sobretudo em Heráclito. Nele morava um espírito tempestuoso e sincero, frio e solitário, o bastante para si em sua verdade, que Nietzsche tanto admirava.

O que estava nos fragmentos de Heráclito era aquilo que Nietzsche pensara para sua filosofia. Livrando-se da moral Ocidental, para Nietzsche equivalente à moral cristã, chegava-se cada vez mais ao subsolo da realidade, onde se encontrava cada vez menos conceitos morais (preconceitos), menos claridade. Encontrava-se cada vez mais com nada. Ao olhar para os gregos, apareceram alguns raros brilhos, estes que o permitiram compreender a realidade como puro movimento, mera aparição.

As sentenças de Heráclito segundo as quais, primeiro, “tudo flui”, e segundo, “o princípio quer e não quer ser chamado por um só nome”² ratificavam aquilo que Nietzsche pensara ter encontrado liberto da moral. Deixou de lado³ aquilo que desde Sócrates passou a ser papel do filósofo, a busca pela verdade enquanto a busca pelo bom, pelo justo, pelo mais digno. Viu a verdade filosófica como mais uma daquelas inúteis tentativas de estabelecer-se algo absoluto e autônomo que sustentasse a realidade. Viu a realidade como simples aparecimento em movimento. Assim todo conhecimento seria conhecimento de aparência e que seria, este também, aparência. Não há nada senão aparecimento.

A concepção de mundo desprovida da moral apareceu-lhe como um grande todo eternamente mutante, nascendo, crescendo, vivendo, perecendo, morrendo e desaparecendo continuamente, infinitamente, indo e vindo com a mesma força, criando com empáfia para destruir com volúpia, algo de enorme bondade e maldade, beleza e feiúra⁴, algo que definitivamente não se esgota nas possibilidades humanas do conhecimento. A verdade, que outrora fora “a coisa ela mesma em sua essência” é, agora, “a aparência ela mesma” mais seus enganos, suas máscaras, e sempre só máscaras, nada além disso. Essa verdade, que antes era aquilo que sustentava a aparência (por ser esta incapaz de sustentar-se a si própria), passa agora ela mesma à condição de mera aparência. Nada pode existir agora, nesse mundo de puro devir, que tome caráter de verdade absoluta.

A noção de *ser* como a essência de todas as coisas é rejeitada, como a rejeita Heráclito, tida por mais uma *idealização* (entenda-se *moralização*) da realidade e, por isso, contingente, ou mesmo absurda, por querer fazer crer na existência de algo absolutamente impossível nesse mundo de puro movimento, em um ser substancial.

A realidade é a pura contingência ou, como aparece nos gregos, é algo fora do controle humano, algo que se mantém sob o julgo divino: a guia dos acontecimentos é a *Mōira*, o destino, e eles acontecem segundo a *tyché*, a sorte. Os acontecimentos dão-se sempre mascarados, querem ora ser mandados por Zeus, ora por Dionísio, ora por Apolo, ora pela água de Tales, pelo fogo de Heráclito, pelo Uno de Parmênides. É uma caixinha de surpresas. Tudo o que dele o homem experimenta é o incerto, a aparência, o perecer, o acaso, o instável, o devir generalizado. A inverdade.

No entanto, disso tudo se tira um problema, nosso problema.

II

O problema tem lugar neste texto: “Sobre o *páthos* da verdade”

Nós já o delineamos no 1º parágrafo da primeira parte (aquilo que está em itálico) e também na nota de número 5; ele consiste no seguinte: o filósofo, desde quando recebeu essa alcunha lá pelos pré-socráticos, é um tipo de conhecedor, de sábio, *comprometido* com a verdade, *alétheia*, como chamavam-na.

Lá falavam *desde* uma certa verdade, para eles revelada de tal maneira que tudo que dissessem fosse verdade. Assim parece para cada pré-socrático uma a verdade, que é seu pensamento. É importante notar o caráter que já os primeiros pensadores davam ao que passava por suas cabeças – aquilo era *verdadeiro*. Passasse o que passasse, por desvelar-se para eles um algo a ser dito, desde seu princípio comum de perscrutar a verdade, era já verdade.

Depois, vêm Platão e Aristóteles. Neles o tema é recorrente: o filósofo busca dizer a verdade. Ela é o alvo de tudo o que ele diz. Coloca ela *acima de tudo*, ela passa a ser o “buscado” pelas investigações, nela deposita-se a *certeza do conhecimento*.

Platão, na sua *paidéia* da alma, diz da necessidade de guiar a alma pela verdade se se quiser obter o conhecimento de algo. Apontando para a verdade a alma pode vê-la, alcançá-la. Em outro tema também importante em sua obra, da diferença entre o filósofo e o sofista, ele cerca o filósofo pelo modo do seu discurso: é um discurso que anda às voltas com a verdade.

Aristóteles, no livro A de sua “Metafísica” fala já do *páthos* da verdade. Descrevendo a doutrina dos sábios antigos atribui-lhes, como motivo de começarem a filosofar, certa inclinação pela verdade. Mais especificamente, fala da “necessidade de verdadeirar (*ananché alétheuein*)” a qual coage o filósofo em seu deparar-se com os entes. Ele é, portanto, afetado pelos entes com vistas a dizê-los em sua verdade – é uma *conditione sine qua non* para o filósofo desvelar a totalidade de tudo o que há.

E assim veio acontecendo durante toda a história da filosofia. Os filósofos todos colocam a verdade com o “a-se-alcançar” de seus pensamentos. Todos pretendem com o que dizem pensar em algo mais verdadeiro do que aquilo que seu antecessor pensara. Querem ser os mais autênticos, assim como os velhos pré-socráticos. Todos querem eternizar seus pensamentos como aquilo que de maior valor o ser humano conseguiu fazer até hoje.

Dizer a verdade é o paradigma matriz de toda a filosofia. Sem ele, perda suprema, perde-se a filosofia.



² Ver “Crepúsculo dos ídolos”, em “A ‘razão’ na filosofia – II”

³ Fragmento 32 na numeração de Hermann Diels.

⁴ Esse “deixar de lado” deve ser compreendido em termos. Ele cabe até certo ponto, a saber, na feitura de seu pensamento, na construção de suas idéias de liberdade quanto à tradição metafísica, além-mundana e moral da filosofia, e na criação de outras novas idéias. No entanto, o que o move e dá-lhe impulso para essa criação é essa mesma inclinação pela verdade, que aparece em todos os filósofos. Esse problema há de ser melhor descrito na segunda parte do texto.

⁵ Ver aforismo 1067 da obra póstuma “Vontade de poder”, *in* coleção “Os pensadores – Nietzsche”

⁶ Heráclito, fragmento 49a.